

Mariangela Rios de Oliveira
Maria Maura Cezario
(org.)

Funcionalismo linguístico

Diálogos e vertentes



Copyright © 2016 Mariangela Rios de Oliveira e Maria Maura Cezario

Copyright © 2016 Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Série Ensaios, 40

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9 - Anexo/Sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ - Brasil

- CEP 24220-900

Tels.: +55 21 2629-5287 (Secretaria) / +55 21 2629-5293 (Livraria)

faleconosco@eduff.uff.br

www.eduff.uff.br

Impresso no Brasil, 2017.

Foi feito o depósito legal.

EXISTE A CONCORDÂNCIA ADVERBIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO? CONSIDERAÇÕES ACERCA DE *VAMOS DIRETOS, TODAS CONTENTES, BASTANTES GRANDES, MUITAS BOAS*

Martin Hummel

INTRODUÇÃO

A invariabilidade costuma ser um critério importante nas definições do advérbio. Na série *bastante grande, bastante bem, falar bastante, bastantes casas*, tudo é advérbio, menos a variante que faz concordância de gênero e número com o substantivo *casas*, que é um adjetivo. Porém, também se ouve a variante *bastantes grandes*. Segundo a lógica da definição, “*bastantes*” deveria ser tratado, então, como um advérbio concordado. A norma linguística exclui esta variante da língua-padrão (Neves, 1999, p. 233 e 234). Isso significa que a invariabilidade não é somente um critério descritivo, mas uma norma prescritiva. Historicamente, a concordância adverbial é bem documentada. Ela tende a desaparecer a partir do século XVII com o purismo acadêmico (Hummel, 2014b).²⁸ No entanto, ela continua a ser usada, por exemplo, em esp. *vamos directos a casa*, pt. (europeu) *vamos diretos para casa*, it. *andiamo dritti a casa*. O dogma da invariabilidade do advérbio provocou uma discussão, especialmente na gramaticografia francesa, acerca da flexão de *todo* como modificador de um adjetivo, que é sistemática em todas as línguas românicas: pt. *uma mulher toda contente*, fr. *une femme toute contente*, esp. *una mujer toda contenta*, it. *una donna tutta contenta*. Nos dialetos centro-meridionais da Itália, a concordância dos adjetivos adverbiais com um substantivo chega a ser sistemá-

28 Na mesma época, o purismo eliminou o famoso “s adverbial” em fr. *avecques, doncques* etc. (Hummel, no prelo).

tica, com regras bem claras (Ledgeway, 2011). Hummel (2015) situa o fenômeno numa perspectiva românica.

Efeito de crioulização ou não, o português brasileiro é conhecido pela tendência a reduzir a morfologia flexional, por exemplo, no caso do verbo. Por isso, o presente capítulo propõe-se a estudar a flexão do advérbio no *corpus* oral do grupo Discurso & Gramática, centrando-se nos modificadores do verbo *direito e direto*, por um lado, e nos quantificadores *bastante, muito, meio e todo*, por outro. Excluímos do tema a ampla discussão da questão sobre o morfema adverbial *-mente* ser um sufixo (derivação) ou uma desinência (flexão).²⁹

Continuamos, assim, a discussão bem resumida por Martelotta (2012, p. 28-33) e o estudo pioneiro de Nóbrega (2007) sobre a concordância no feminino de *meio* + adjetivo (*meia doída*). Remetemos à bibliografia adicional sobre a flexão adverbial resenhada por esta autora. O *corpus* completo contém cerca de 450 mil palavras, incluindo-se os *subcorpora* de Juiz de Fora (JF), Natal, Niterói, Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande do Norte (RN). Por motivos de espaço e para centrar-nos em questões funcionais, não levaremos em conta os fatores diassistemáticos disponíveis (educação, origem regional, idade, sexo etc.). Indicamos só o nome, a cidade e o código (oral, escrito). O *corpus* é bem adequado à pesquisa sobre o tema da flexão. O grande número de informantes garante a variação do sexo do falante. Além disso, os informantes referem-se a pessoas do seu conhecimento. Os dois fatores estimulam contextos propícios para o estudo de variação da concordância de gênero e número.

29 Vejam os argumentos tipológicos (Haspelmath, 1996), da Gramática gerativa (Plag, 2003, p. 195 e 196; Lima, 2010), o caso do latim (Pinkster, 1972, p. 64-70), do francês (Dal, 2007), do português (Foltran, 2010), das línguas românicas em geral (Ricca, 1998), do morfema *-ly* em inglês e outras línguas germânicas (Giegerich, 2012; Pittner, 2015).

OS MODIFICADORES DO VERBO

Em teoria, a predicação secundária é uma construção claramente distinta dos adjetivos adverbiais. No primeiro caso, o modificador concorda com um substantivo para marcar que se refere a uma característica da entidade designada de este substantivo; a colocação dentro do sintagma verbal faz com que a característica valha somente durante o evento verbal: *Ela chega cansada. Elas vivem felizes*. Tratar-se-ia, então, de um adjetivo. No segundo caso, o modificador toma a forma masculina-neutra para marcar que designa uma qualidade do processo: *Ela fala rápido. Ela dorme picado* “sem acordar”. Seria, portanto, um advérbio: No entanto, o masculino-neutro é formalmente ambíguo quando o sujeito é masculino (*Ele chega cansado. Ele fala rápido*). Tal ambiguidade também é observada quando o sujeito é feminino no caso de alguns adjetivos (*Ele / ela vive feliz*). A determinação da predicação secundária se fará, então, do ponto de vista semântico ou pela prova de comutação com um sujeito feminino ou plural: *Ela chega cansada / *cansado*. Ressaltamos que a comutação falha quando a variação linguística cria uma situação de coexistência das duas construções: *Ela chora manso / mansa. Ela fala lento / lenta*. Em resumo, tanto a predicação secundária como o adjetivo adverbial são construções que emergem de um contínuo semântico-funcional com base na mesma estrutura “verbo + adjetivo.”³⁰ O grau de diferenciação das construções depende também da atitude do falante; por exemplo, quando um falante culto evita *vamos diretos* por achar que “diretos” é um advérbio. O fato de os adjetivos adverbiais serem usados com muita naturalidade na língua falada informal do Brasil (veja, por exemplo, Souza, 2014) cria condições favoráveis aos processos de emergência gradual, contrariamente ao que acon-

30 Adoto a análise tipológica de Hengeveld (1992), que fala em “língua flexível” quando o adjetivo serve também como advérbio, ou seja, quando uma única classe de palavras, o adjetivo, se usa tanto para as funções sintáticas de adjetivo quanto para as de advérbio. Por isso, é correto dizer que *Ela fala esquisito* contém a estrutura “verbo + adjetivo”. Neste exemplo, o adjetivo rejeita as marcas flexionais do sujeito. Dir-se-á, então, que tem função sintática de advérbio (modificador do verbo). Vejam também (Hummel, 2013; 2014a; Salazar García, 2007). Preferimos o termo *adjetivo adverbial* a *adjetivo adverbializado* porque o segundo termo sugere um processo mais definitivo (lexicalização) ao passo que o primeiro se entende melhor como o simples uso de um adjetivo em funções adverbiais.

tece na Europa, mais sensitiva à norma linguística. No entanto, *vamos diretos* parece ser mais comum em Portugal do que no Brasil.

Do ponto de vista empírico, a emergência das construções tem outras facetas mais. Consideremos um exemplo do *corpus*:

1. *Um amigo nosso deu um belo tapa no rabo da jumenta e ela saiu disparada e incontrolável em direção de uma árvore e eu cada vez mais achando que ela ia bater já que não conseguia guiá-la.* (Yuri, RJ, narrativa escrita)

Ela saiu disparada poderia ser um caso claro de predicação secundária referida ao sujeito. Porém, a coordenação sintática com *incontrolável* põe em xeque a análise, dado que não se trata de uma característica que se possa facilmente interpretar como predicado secundário. Além disso, o uso de *disparado* no *corpus* indica a sua lexicalização como adjetivo, com o significado de “muito rápido”, já um pouco desmotivado no que diz respeito à base verbal:

2. *aí ele foi atravessar a rua... aí veio um carro disparado... e atropelou ele* (Daniel, RJ, oral)
3. *o carro já foi puxando... que estava chovendo... estava derrapando... pô... o maior medo... né? meu coração assim disparado... aí a gente desesperada* (Valéria, RJ, oral)

Sobretudo no segundo caso, a motivação pela base verbal não faz sentido. Juntando as evidências, tanto a lexicalização de *disparado* com o significado de “muito rápido” como a coordenação sintática deste com *incontrolável* reforçam a interpretação do termo como advérbio flexionado. Efetivamente, não é difícil encontrar na internet exemplos como o seguinte: “*Ela saiu correndo e rindo entre as árvores. ... saiu disparado pelo meio da floresta*”. Por outro lado, qualquer decisão nítida a favor de uma construção corre o risco de forçar a realidade. O certo é que o falante usa o morfema do gênero feminino no primeiro exemplo para marcar a coesão temática com o sujeito. De fato, defendemos a ideia de que a função base da concordância com o substantivo é a marcação de uma

coesão temática. Na língua falada, este processo é mais espontâneo, a ponto de ser opcional, especialmente no caso das marcas de plural (*dois cara*). Dito de outra maneira, a concordância obrigatória é algo que pertence ao desenvolvimento da escrita; portanto, a um processo cultural. É possível, inclusive, que a concordância no primeiro exemplo tenha a ver com o fato de se tratar de um exemplo escrito.

Conforme vimos, o caráter emergente das construções impede afirmar ou negar claramente a existência da concordância adverbial. Ela emerge na medida em que a interpretação como advérbio se perfila, mas o fundamento funcional é a possibilidade de marcar relações temáticas com marcas de gênero e número, até em casos em que a interpretação é predominantemente adverbial. Somos nós, falantes cultos, que pensamos que, neste caso, é preferível usar a forma não marcada. Neste sentido, a invariabilidade como correlato de uma leitura adverbial é, em primeiro lugar, um fato de cultura linguística. A mesma tendência pode existir na língua falada espontânea, mas somente como tendência, não como regra para distinguir o adjetivo do advérbio.

Para terminar a análise do sintagma verbal, examinaremos dois casos capazes de dar bons resultados para o estudo da flexão adverbial: *direito* "bem, correto" e *direto* "seguindo o caminho mais curto / imediatamente". Trata-se de dois adjetivos que são usados com flexão adverbial nas línguas românicas na Europa (ver Introdução). Ambos os adjetivos são usados frequentemente no português brasileiro, com significado claramente adverbial. Não é impossível, mas raro, usar *direito* como predicado secundário ("uma serpente enorme que cabe direita no Rossio"; exemplo de Saramago citado por Hummel, 2002). Em todo o caso, esse uso não consta no *corpus* deste capítulo.

O item *direito* e a sua variante com sufixo diminutivo intensificador *direitinho* são frequentemente usados, especialmente no discurso da educação referido a alunos que fazem as coisas *direitinho*. Eis um exemplo de Isabel (RJ, narrativa oral):

4. bom... uma vez eu estava fazendo uma prova... aí:: a professora dividiu todo mundo na sala e tal... separou as mesas... tudo direitinho... e eu estava fazendo legal... eu sabia tudo... tinha estudado... [...] a minha mãe falou “ah... vai lá... fala com a professora que você não... não estava colando... não teve culpa...” aí no dia seguinte eu voltei lá... falei com a professora e... resolvi tudo... expliquei direitinho... aí ela deixou fazer a segunda chamada...

Em 73 casos do *corpus*, *direito* ou *direitinho* são usados sem flexão, tanto com sujeito **feminino** como com sujeito **plural**. Os dois casos flexionados se **dão** em **construção copulativa**, isto é, como complemento adjetival do verbo copulativo:

5. *Quando ela estava sendo reformada eu fiquei muito feliz em saber que muita sala ia ficar direita, toda pintadinha.* (Ana Maria, RJ, escrito)

O segundo exemplo fala de uma prancha que Mônica usa no seu trabalho:

6. *ai põe um:: papel de proteção... que a gente chama de papel manteiga... e guarda lá... direitinha quando você for mostrar pro teu cliente... está lá direitinha.* (Mônica, RJ, oral)

No segundo exemplo, não é fácil separar a função adjectival da adverbial na primeira ocorrência de *direitinha*, ao passo que a segunda ocorrência se dá outra vez com verbo copulativo. Em todo caso, a falante chama a atenção para a qualidade da prancha como resultado do seu trabalho. A concordância marca essa qualidade.

Resumindo, uma flexão adverbial análoga aos exemplos citados na Introdução não se observa nos dados brasileiros. A concordância é reservada a casos excepcionais, que destacam uma qualidade adjectival (de um objeto).

Vejamos agora o que acontece com o item *direto*. *Direto* não apresenta concordância na totalidade dos 32 casos, embora não faltem contextos nominais que poderiam motivar a flexão, o sexo da falante no primeiro caso, a palavra feminina *eletricidade*, no segundo:

7. *fui direto* () *fui direto* lá pro lugar onde eu estava sentada (Regina, RJ, oral)
8. *não vieram... direto para casa* (Nilson, RJ, oral)
9. *a eletricidade vai direto na lâmpada...* (Aleandro, Juiz de Fora, oral)

Concluindo, o português brasileiro tende à invariabilidade do adjetivo com função de advérbio dentro do grupo verbal, pelo menos a julgar pelo exemplo supostamente paradigmático de *direito* e *direitinho*. Barbosa (2006), que estudou os adjetivos adverbializados modificadores de um verbo no mesmo *corpus* utilizado neste capítulo e no *corpus* da fala urbana culta (NURC), não menciona casos de flexão, a não ser casos que convertem o adjetivo em predicado secundário. A flexão parece dar-se muito pouco nos casos em que a interpretação está claramente do lado da modificação do verbo. Isso vale, em primeiro lugar, para a produção oral, mas a língua literária pode buscar tais efeitos (ver o estudo clássico de Meier, 1948).

OS MODIFICADORES DE ADJETIVOS E ADVÉRBIOS

Examinamos os quantificadores *bastante*, *muito*, *meio* e *todo*. Antes de começar a análise dos dados, convém destacar que a concordância é perfeitamente *funcional* nestes casos, na medida em que se trata da concordância do modificador com a unidade modificada: *bastantes grandes*, *muitas grandes*, *meia louca*, *toda contente*. A preferência pela variante não concordada é um simples fato de norma linguística prescritiva. Essa norma é a consequência direta de se considerar a função de modificação de um adjetivo ou advérbio como função adverbial.

a. Bastante

Bastante ocorre 175 vezes no *corpus* se contarmos todas as funções, entre as quais a de modificador de um adjetivo (53 casos). A flexão adverbial pode dar-se exclusivamente no plural, uma vez que *bastante* tem a mesma forma para o feminino e o masculino. Isso explica, em parte, o fato de quase todos os exemplos ocorrerem sem flexão (49 casos):

8. *sou bastante comunicativo* (Jean, RJ, oral)
9. *eu acho que a família tem que ser bastante unida* (Márcio, RJ, oral)

Temos somente dois casos de flexão adverbial, sempre em textos escritos:

10. *As salas são bastantes confortáveis* (Carlos, Natal, escrito)
11. *Essa escola era amarela, com salas pintadas de branco por dentro e essas salas são bastantes grandes*. (Gerson, Natal, escrito)

No entanto, esses dois exemplos correspondem à metade dos usos em plural. Nos casos restantes, *bastante* mantém-se invariável:

12. *Há mais ou menos doze anos atrás, eu sofri uma cirurgia de apendicectomia às pressas e alguns episódios foram bastante engraçados*. (Alex, Niterói, oral)
13. *Durante a festa eu ele e um amigo nosso, o Marcelo, bebemos todas e no final da festa nós estávamos bastante alcoolizados*. (Daniel, RJ, escrito)

É digno de menção que a tendência geral vai no sentido de uma redução da flexão. Esse fenômeno evidencia-se com nitidez nos sintagmas nominais. É frequente a combinação de *bastante*, sem marca de plural, com um substantivo plural (11 casos):

14. *nesse dia eles colocaram bastante cobertores pra mim* (Glislaine, Natal, oral)

Existe um único uso como adjetivo flexionado (*bastantes alunos*). Isso significa que o quantificador se tornou praticamente invariável. No total dos 175 exemplos, temos somente três casos de flexão, independentemente de a função sintática ser adjetival ou adverbial.

É notável a tendência a usar o singular de um substantivo para designar o coletivo, renunciando-se, portanto, ao plural, que seria a opção melhor do ponto de vista do padrão de escrita:

15. *basta colocar numa panela 500 gs de carne picada com bastante cebola* (André, RJ, escrito)
16. *o desempenho do... do técnico em eletricidade... e é muito bom... é... bastante desenvolvido o trabalho... e precisa de bastante coisa... né?* (Márcio, RJ, oral)
17. *ela ensina bastante coisa pra gente* (Jéssica, RJ, oral)
18. *atrás do colégio assim é perigoso... porque... de vez em quando... sai bastante tiro...* (Isabelle, Niterói, oral)

b. Muito

Em espanhol, este quantificador tornou-se invariável nas funções adverbiais ao longo da história, pelo menos no padrão: *mucho* (adjetivo) vs. *muy* (advérbio). Em português, porém, *muito* conservou as suas propriedades flexionais. O *corpus* apresenta 1.560 ocorrências de *muito* como modificador de adjetivo (*muito bom*) ou advérbio (*muito bem*). A forma masculina-neutra *muito* é usada em 758 casos com substantivos neutros (*aquilo*) ou masculinos:

18. *então aquilo tudo foi muito bonito pra mim... era fantástico...* (Claire, RJ, oral)
19. *o brasileiro é muito otimista* (Regina, RJ, oral)
20. *fiquei muito sem graça... entrei no carro... fiquei parado... () esperando...* (Jorge, RJ, oral)

No último caso, *muito* modifica o adverbial *sem graça*.

Um total de 791 ocorrências mantêm a forma *muito* em contextos que poderiam motivar a concordância no masculino plural ou no feminino singular e plural:

21. *isso foi uma coisa muito importante na minha vida... que eu não consigo esquecer nunca...* (Claire, RJ, oral)
22. *Nosso relacionamento é excelente, nos entendemos muito bem.* (Isabel, RG, escrito)
23. *as universidades dos Estados Unidos é:: são muito mais desenvolvidas ... são muito melhores* (Gerson, Natal, oral)

Sendo ligeiramente maior que o anterior, este grupo mostra que a ausência de concordância não é a consequência de uma falta de contextos de gênero e número propícios à flexão. Juntando estes grupos, podemos constatar que 1.549 das 1.560 ocorrências correspondem ao uso padrão (99% dos casos).

A concordância é observada oito vezes no masculino plural:

24. *que os professores são bons... também... são muitos bons... eh::... eles explicam muito bem* (Paula Fernanda, RJ, oral)
25. *tem também uns banheiros muitos limpos coisa que raramente vemos nos outros colégios* (Flávia M., RJ, escrito)

O primeiro desses exemplos faz pensar na interpretação ‘muitos são bons’, mas parece mais provável a modificação do adjetivo, como no segundo caso.

A concordância no feminino singular se dá também em dois casos:

26. *A cidade é muita bonita, pelo menos a parte do campo.* (Vanderlei, RG, escrito)
27. *eu sei fazer muita pouca coisa* (Alexandra, RJ, oral)
28. *Caso não seja um erro de transcrição, a concordância pode ser*

parcial: as professoras também:... são muitos boas:... (Alexandro, RJ, oral)

O exemplo mais ilustrativo contém toda uma série de usos que confirmam os padrões que acabamos de ver, inclusive com a concordância parcial:

29. *Entrevistador: Carlos Vinícius... o que você acha sobre sua escola? Informante: eu acho ela muito legal... e bonita... a/tem... várias salas... banheiros... tem inspetoras... muitos boas... os professores também são muitos legais... eu acho ela o máximo... a diretora também é muito boa () eh... são/ elas são... muitas boas elas sempre da/ manda as pesquisas... pra gente... a gente faz... elas dão nota... elas são muitos legais... elas fazem tudo pra... pra gente melhorar a no:ta... são muito/enfim... elas são muito boas... (Carlos Vinícius, RJ, oral)*

Um caso que sublinha muito bem a forte tendência a usar a forma neutra *muito* é a construção muito usual *ser amigo de alguém*, onde o substantivo *amigo* funciona como adjetivo. Nos dez casos com o feminino *amiga(s)*, o quantificador *muito* mantém-se invariável:

30. *Eu conheço uma garota que no início desse ano, era muito minha amiga. (Paula Fernanda, RJ, oral)*
31. *nós éramos muito amigas (Queli, RJ, oral)*
32. *que eu tenho uma amiga... muito amiga minha (Aydano, Niterói, oral)*

A concordância é observada somente em um caso:

33. *at hoje eles são muitos amigos um do outro... (Aleandro, JF, oral)*

De forma análoga, *muito* não faz concordância com o adverbial nominal feminino *sacanagem*:

34. *tomar... a bolsa dela... isso é muito sacanagem... (Patrícia, RJ, oral)*

35. *e o meu clima de serviço sempre foi assim... foi muito sacanagem... muita brincadeira* (André, RJ, oral)

Mencionemos também o uso como modificador do advérbio *mais* dentro do sintagma adverbial *com mais força*, que seria um contexto teoricamente propício à concordância:

36. *Nas primeiras caminhadas sentia o coração bater com muito mais força* (Eliane, Niterói, escrito)

Como no caso de *bastante*, a tendência ao uso invariável tem de ser situada no contexto da modificação adjetival de um substantivo dentro de um sintagma nominal (Scherre, 1994). O uso coletivo dos substantivos no singular é observado como no caso de *bastante*, mas com concordância de gênero:

37. *em que a justiça é falha ... onde ela bota muita vez nas cadeias as pessoas que são inocentes* (Emerson, Natal, oral)
38. *é porque lá tem muito colega... bom... meu... né?* (Juliana, RJ, oral)
39. *porque tem muito homem* (Afonso, Niterói, oral)
40. (41) *à noite você escuta muito ti:ro...* (Isabelle, Niterói, oral)
41. *o ... colégio que eu estudo perdeu muito aluno* (Gerlândia, Natal, oral)
42. *então a pena de morte de jeito nenhum poderia ser adotada no Brasil ... porque eu garanto que morreria muito inocente ...* (Emerson, Natal, oral)

A invariabilidade é observada até com substantivos com marcas de gênero ou número:

43. *Porque não é muito bom deixar coisas muito quente na geladeira.* (Angela, RJ, escrito)
44. *Algumas professoras são muito inguinorante* (sic) (Ivan Claudio, RJ, escrito, 11 anos)

45. *Minha mãe eu era gordinho comia muito e tinha que fazer muito comida.* (Sidney, RJ, escrito, 11 anos)
46. *eu pulei de alegria... muito alegria mesmo* (Maria Rosa, RJ, oral)
47. *as professoras daqui são muito inteligente e as professoras sendo inteligente... ensinam mais às crianças* (Elizângela, Niterói, oral, 10 anos)
48. *“olha na sua ... na cidade que você vai morar vai ... tem Os muito pretos” ... e eu num entendi ... “meu Deus será que eu vou encontrar muito negros lá?” aí ela dizia ... “olha tem muito pretos”.* (Ítalo, Natal, oral)

Embora o fenômeno seja observado independentemente da faixa etária, mencionamos a idade da amostra infantil, uma vez que a regularização da concordância em conformidade com o padrão poderia ser progressiva, como correlato da escolarização e da aprendizagem da escrita.

No caso de *bastante*, tínhamos constatado uma tendência generalizada ao uso invariável até no sintagma nominal. Embora exista uma tendência geral à concordância assistemática, a concordância continua sendo frequente no sintagma nominal. Na totalidade das ocorrências de *muito*, com os casos de modificação nominal incluídos (2.581 casos), temos 261 casos com *muita*, 181 casos com *muitas* e 143 casos com *muitos*. Isso significa que a flexão é plenamente disponível e usada. Podemos, portanto, supor que a função adverbial intervém especificamente no uso não concordado de *muito*. Sintagmas como *muito amiga* e *muito sacanagem* sugerem que a adverbialização dos substantivos traz consigo a invariabilidade, em termos de tendência de uso, diferentemente do que se observa em *muita brincadeira*, por exemplo.

c. Meio

Contrariamente ao estudo efetuado por Nóbrega (2007) com base nos *corpora* Peul (Rio de Janeiro, www.letras.ufrj.br/PEUL) e *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org), não

nos limitamos à estrutura concordada “*meia* + adjetivo”, mas situaremos a flexão adverbial no seu contínuo variacional.

O *corpus* Discurso & Gramática contém 127 ocorrências com *meio* em função de modificador de adjetivo ou advérbio. Na grande maioria dos casos, o substantivo nuclear é masculino ou neutro (86 casos). *Meio* aparece, então, na forma masculina-neutra *meio*:

49. *ela olhou-me com um olhar meio enigmático* (Margarete, Niterói, escrito)

Em 25 casos, *meio* combina a forma masculina-neutra com um adjetivo flexionado, com morfemas de gênero ou número. A combinação de *meio* com um substantivo ou um adjetivo flexionado no feminino acontece vinte vezes:

50. *a rua é um pouco deserta... meio estranha... né?* (Mariana, Niterói, oral)
51. *Eu estava numa fase meio depressiva* (Isabel, RG, escrito)
52. *A minha professora é meio chatinha ela passa muito dever* (Maria Carolina, RJ, escrito)
53. *ai ela desceu toda sorridente... com um embrulhinho na mão... ai eu fiquei meio sem graça... não tinha comprado nada pra ela* (Simone, Niterói, oral)

No exemplo seguinte, o singular coletivo *a gente* parece dominar no meio das reformulações:

54. *eu prefiro ficar na casa da Aline... que... lá... eh... o pessoal lá é gente/ eles são meio/ muito brincalhona* (Carla, RJ, oral)

A combinação no *plural* abrange somente cinco casos:

55. *eu noto que eles são meio indiferente a essas pessoas que correm ... que estão passando ali com frequência* (Ítalo, Natal, oral)

56. *porque os desenhos que eu criava eram meio ... meio desarmosios* (Ítalo, Natal, oral)

Os casos mencionados até agora correspondem à regra-padrão do uso não concordado quando *meio* é modificador de adjetivos, advérbios ou adverbiais.

A flexão de *meio* é observada em 16 dados, sempre no feminino singular, exceto em um caso de concordância no plural:

57. *chegou um camarada do meu lado com a aparência meia estranha* (Roberto, RJ, escrito)
58. *ai depois veio uma inspetora... pediu pra mim descer... ai eu fui... desci me...meia assim assustada...* (Viviane, RJ, oral)
59. *era um rapaz com a vida meia errada* (Viviane, RJ, escrito)
60. *e a gente já estava meio assim... eu já estava meia de saco cheio... né?* (Andréa, JF, oral)
61. *quis reproduzir o quadro tal ... tal qual está na fotografia ... inclusive usando os mesmos tons é ... meios sombrios ...* (Ítalo, Natal, oral)

d. Todo

Todo não é um simples quantificador como *bastante*, *muito* e *meio*. A sua polifuncionalidade compreende a função de modificador determinante³¹ (*todas as casas*, *todo mundo*), pode ser substan-

31 Confessamos não entender a classificação de *todo* como *pronome indefinido* na gramática tradicional. É pronome em *Todas estão contentes*, onde ocupa o lugar de um substantivo com função de sujeito. Em *todas as casas* ou em *todo homem*, porém, não é *pro forma* porque não tem nada que substitua. Entra no grupo de determinantes, seja como determinante direto (*todo homem*), seja como modificador de um determinante (*todas as casas*) (cf. Dubois et al., 1988: s.v. *indefinido*). Em termos mais gerais, é um modificador que entra tanto no grupo determinante como no lugar do adjetivo (*os homens todos*) (cf. Martelotta, 2012, p. 38 e 39). Geralmente, o adjetivo posposto tem uma função diferenciadora: *a casa amarela* com implicatura de “não a casa verde”. Agora, a palavra *todo* tem um significado conceptual que não permite distinguir: *a casa toda* frente a *quê?* Por isso, existe certa proximidade e até equivalência entre *todas as casas* frente a *as casas todas*, com maior individualização no primeiro caso, maior coletivização no segundo (Bechara, 2009, p. 198 e 199; Castilho, 2008, p. 147). Resumindo, preferimos o termo *modificador*

tivo (*o todo*), adjetivo (*a casa toda*) ou advérbio (*toda suja*). Nas línguas românicas, a concordância adverbial é bastante sistemática no caso do feminino (esp. *toda contenta*, fr. *toute contente*, it. *tutta contenta*). Além disso, existe o pronome *tudo*, com morfologia própria, mas somente em português. A ocorrência total no *corpus* é de 1.534 casos: *todo* (758 casos), *todos* (338), *toda* (310), *todas* (128). No entanto, o seu uso como modificador de um adjetivo é bastante restrito, totalizando 171 exemplos (11% dos casos). A concentração do uso no polo nominal (determinante, pronome, adjetivo) vai ser importante para entender as tendências de interpretação. Curiosamente, o uso adverbial é praticamente limitado ao singular, igualmente repartido entre o masculino-neutro (86 casos) e o feminino (85). No plural, não identificamos nenhum caso masculino-neutro; dois casos femininos podem eventualmente ser discutidos. Conforme veremos agora, as estruturas sintáticas tendem a ser ambíguas, razão pela qual a interpretação joga um papel decisivo. Dito de outra maneira, o fenômeno situa-se num desses “contextos locais” de ambiguidade estrutural que a teoria da gramaticalização costuma identificar para explicar a mudança diacrônica.³²

Consideramos claros os seguintes exemplos de modificação adverbial de um adjetivo:

62. *Luiz Carlos veio para nosso grupo e ficou dançando conosco todo alegre e à vontade.* (Yuri, RJ, escrito)
63. *ai o médico me deu meus pontos... ai fui pra casa... fiquei todo machucado* (Arturo, RJ, oral)
64. *eu desviei e caí da bicicleta... eu fiquei todo ralado... todo machucado... e fui pro o hospital* (Luís Carlos, RJ, oral)

Não se evidencia a ambiguidade que observaremos no plural *todos alegres*, onde a tendência vai na direção de interpretar *todos* como pronome modificado pelo adjetivo *alegre*. No entanto, o

determinante quando *todo* é usado nas funções tradicionalmente chamadas de *pronome indefinido*. Uma análise completa insistirá na polifuncionalidade da palavra. *Todo* não é nem pronome indefinido nem determinante, mas um conjunto de tais funções que constituem a polifuncionalidade da palavra.

32 Ver Barbosa (2006) acerca da gramaticalização no caso dos adjetivos adverbiais.

exemplo seguinte mostra a força de atração do substantivo *o povo*, responsável pela interpretação de *todo* como adjetivo de *povo* “o povo todo estava alinhado”:

65. *eles entraram ... todo mundo olhando assim pra ela ... porque era uma coisa superdiferente ... o povo todo alinhado e ela com casaco daquele jeito assim ... todo por fora ... sabe? aí foram pro apartamento ... chegando lá ... tudo muito chique, né?* (Rosemeire, Natal, oral)

Há mais dois casos como este neste exemplo. No segundo, *todo* fica afastado do substantivo *casaco*. Predomina, então, a interpretação como modificador do adverbial *por fora* “totalmente, completamente por fora”. O terceiro caso documenta o uso do pronome neutro *tudo* com função de sujeito (*tudo é muito chique*). O fato de existir um pronome de natureza substantiva no singular, mas não no plural, parece ser pertinente para explicar a maior facilidade de usar *todo* e *toda* como modificador adverbial. De fato, *Todos são bons* e *Todas são boas* são frases usuais; a diferença de ?*Todo é bom*³³ e ?*Toda é boa* não é usual.

No feminino singular, a função de modificador adverbial é frequente também:

66. *a casa está ((riso)) toda arrumadinha* (André, RJ, oral)

Não é impossível a leitura pronominal ‘toda ela é arrumadinha’, mas a tendência a constituir um sintagma adjetival *toda arrumadinha* é mais forte do que em *estava a casa toda arrumadinha*. No entanto, não se pode negar a existência de um contínuo funcional, também com adverbiais:

67. *a fuligem e a sujeira do paredão voou toda na cara dela e ela estava toda preta*. (Daniel, RJ, escrito)

33 Embora seja verdade que o *corpus* contém alguns casos duvidosos em que *todo* parece equivaler a *tudo*, não tratamos este aspecto porque seria necessário ouvir as gravações.

68. *fomos eu e um grupo de amigos à uma festa dark... então o combinado era todo mundo ir de preto... vermelho... ou roxo... então como eu era... a chefe da turminha... eu combinei de ir toda de couro* (Cristina, RJ, oral)
69. *Ela foi feita toda de madeira*. (Mônica, RJ, escrito)
70. *fiquei toda sem graça* (Jéssica, RJ, oral, 11 anos)
71. *a cozinha toda de azulejo* (Diva, Natal, oral)

No exemplo seguinte, só a entonação poderia marcar se *toda* pertence sintaticamente a *boca* ou a *suja de sangue*. Em todo caso, a concordância marca a coerência do grupo nominal *a boca toda suja de sangue*, independentemente da interpretação sintática.

72. *o cachorro vinha com a boca toda suja de sangue da caça* (Glislaine, Natal, oral)

Em outros exemplos, é a semântica quem favorece a interpretação adverbial:

73. *ele pegou uma moça lá toda doida* (Sueli, Natal, oral)
74. *o hotel superchique ... e ela toda desarrumada assim* (Rosemeire, Natal, oral)

Excluimos outro exemplo onde a leitura preferida será *a vida toda vai ficar longe*:

75. *ela se encantou com o cara... e:: o cara está::... está::/ vai ficar longe... vai ser sempre assim, a vida toda longe...* (caso excluído) (Lisandra, RG, oral)

No caso do feminino, o contraste de singular e plural evidencia a maior preferência pela leitura pronominal no segundo caso:

76. *Ela foi feita toda de madeira* (Mônica, RJ, escrito)
77. *suas paredes são todas pintadas de branco* (Daniel, RJ, escrito)

O seguinte caso é mais ambíguo (é também um bom exemplo para o uso assistemático da concordância):

79. *as paredes ... no começo do ano eram brancas ... hoje em dia tão todas riscadas ... rabiscada pelos meninos ... que risca tudo ...* (Gerlândia, Natal, oral)

Em francês, a interpretação adverbial chegou a predominar no feminino plural: *Elles sont toutes rayées*. Por isso, podemos dizer que documentamos, no caso do português, um possível caminho de gramaticalização “*todas* (pronome) > *todas* (advérbio)”, que, no entanto, não passa da fase de ambiguidade. É mais fácil a interpretação adverbial no seguinte caso:

80. *e eles passavam as notícias novamente todas distorcidas* (Ítalo, Natal, oral)

A grande questão é a de saber qual é a forma adverbial que se usa com substantivos e adjetivos no masculino plural. Mais concretamente, convém perguntar-se se a língua opta pelo uso do masculino-neutro, como no caso de *eles estão muito contentes*. Na gramática do português europeu de Hundertmark-Santos Martins (1998, p. 256), a frase *Eles andam todos entusiasmados com a casa nova* é citada como uso-padrão. A autora chega a formular uma regra que diz que sempre há concordância de *todo* nas funções adverbiais (cf. Bechara, 2009, p. 198 e 199).

No masculino plural, a leitura preferencial é pronominal, até com pausa (segundo caso) e por motivos também semânticos (terceiro caso):

81. *os... cabos estavam todos rebentados* (Carlos, RJ, oral)
82. *you está com seus pincéis... todos limpos* (Yuri, RJ, oral)
83. *meus avós se ... se dão superbem até hoje... são todos vivos fora o meu... meu avô materno...* (Gustavo, Natal, oral)

Por isso, não contamos nenhum caso de modificação adverbial no plural.

O uso da forma masculina-neutra em contextos nominais de plural é muito marginal, com três casos, todos pertos de um hápax linguístico:

84. *a gente ficou preocupado... ficava olhando para um lado e para o outro todo assustados* (Roney, RJ, oral)
85. *os móveis são todo escu:ros* (Jéssica, RJ, oral)
86. *a gente estava todo arrumado* (Mariana, RJ, oral)

No primeiro caso, o uso impessoal do coletivo *a gente* traz consigo problemas de concordância muito óbvios. Em todo caso, tanto no primeiro como no segundo exemplo, podemos fornecer como explicação uma simples “elisão”³⁴ do morfema de plural que se dá com muita frequência no *corpus*. O terceiro exemplo mostra a gramaticalização de *a gente*, até com desmotivação do gênero feminino.

O uso do masculino-neutro é também pouco usual nas funções adverbiais com contexto nominal feminino:

87. *Fiquei todo sem graça* (Simone, Niterói, escrito)
88. *o piso é todo ... cerâmica* (Rosemeire, Natal, oral)
89. *o assoalho é todo de cerâmica* (Emerson, Natal, escrito)

Se excluíssemos os últimos dois exemplos, todos dominados pelo núcleo do sintagma (*o piso*), o primeiro exemplo seria o único que evitaria *toda sem graça*, se a transcrição estiver correta.

34 Note-se que *elisão* é um termo normativo que implica a convicção de a concordância sistemática ser o uso normal. Aachamos, pelo contrário, que a tradição oral parte do uso opcional das marcas de gênero e número. O padrão de escrita impõe a concordância sistemática como correlata de um processo cultural que não se deve confundir com a normalidade de uso. Portanto, não há *elisão* nos exemplos citados. Os falantes simplesmente não põem as marcas flexionais.

Chegamos, pois, a um resultado muito interessante. A adverbialização de *todo* como modificador de um adjetivo, advérbio ou adverbial somente se observa no singular, com plena concordância: *um garoto todo bonito, uma garota toda bonita*. Do ponto de vista genético, a conservação da flexão sistemática é muito provavelmente uma consequência do uso como adjetivo: *o garoto todo, a garota toda*. A ambiguidade nasce na medida em que se introduz um adjetivo ou advérbio, sobretudo quando aumenta a distância sintática ou prosódica: *uma garota toda bonita, uma garota ... toda bonita, uma garota que chegou toda bonita*. A possibilidade de reinterpretação é observada claramente no plural, pelo menos no feminino, só que este caminho de gramaticalização é pouco explorado, sem falar do fato de ele nunca causar ambiguidade. Confirmamos, assim, o que foi dito no início: *Todo* é uma palavra fortemente vinculada a funções nominais, tanto superordenadas (prônimo) como subordinadas (determinante, adjetivo). A extensão para funções adverbiais é dominada pela orientação nominal. Este fato distingue *todo* dos quantificadores *bastante, meio e muito*.

CONCLUSÃO

A definição negativa do advérbio traz consigo a muito citada heterogeneidade desta classe de palavras, se é que se pode falar em classe. No âmbito da modificação, todo tipo de modificação que não se dirija a um substantivo é considerado adverbial, em contraste com a modificação adjetival – esta sim se refere a um substantivo. O problema da concordância adverbial só se dá quando um adjetivo ou outro modificador de substantivo (quantificadores, determinantes (*todo*)) desenvolve uma polifuncionalidade, que abrange funções fora deste âmbito adjetival. Neste sentido, a chamada *concordância adverbial* (Ledgeway, 2011) ou *flexão adverbial* (Hummel, 2015) é, no fundo, uma *concordância nominal*, ou uma extensão dela.³⁵ Dito de outra forma, a concordância marca a persistência da temática nominal dada por um substantivo.

35 O único tipo de concordância adverbial no sentido de uma marca da função adverbial seria o morfema gramatical *mente* (ver nota 3), caso se aceitasse a sua identificação como morfema flexional e não como sufixo derivacional.

A força de um substantivo pode criar uma rede temática nominal com extensão variável. Este efeito é visto claramente na passagem do adjetivo adverbial ao predicado secundário em *Ela chega atrasado / atrasada* (Pires; Dutra, [s.d.]). No segundo caso, o adjetivo se refere a uma propriedade do sujeito; no primeiro, este efeito é reduzido ao plano inferencial, a favor da modificação direta do verbo marcada pela posição sintática no sintagma verbal. No que diz respeito ao nosso estudo, a persistência do vínculo nominal, ou da rede temática nominal, é mais forte no caso de *todo*, fortemente integrado nas funções nominais, do que nos quantificadores *bastante*, *meio* e *muito*, que tendem a adotar a forma masculina-neutra nas funções adverbiais. A norma linguística prescritiva e o dogma da invariabilidade do advérbio da linguística "descritiva" favorecem o segundo caso. No entanto, o uso sistemático de *toda suja* estabelece um uso padrão que conflita com o dogma da invariabilidade. Podemos afirmar, porém, que o português falado informal no Brasil tende à invariabilidade, quando, dentro de um sintagma verbal, a modificação dirige-se exclusivamente, ou quase, ao verbo (*vamos direto / *diretos*), até mais que na Europa. Dado que a tradição da flexão adverbial tem maior continuação no espanhol americano do que no europeu, onde a norma tentou eliminar a flexão, poderíamos eventualmente interpretar a tendência contrária como confirmação de certa criouliização (no sentido mais amplo do termo) do português brasileiro.

Os falantes podem marcar a relevância do tema nominal usando *uma garota meia infeliz*. Até nos dialetos do centro e do sul da Itália, onde a concordância adverbial é sistemática, ela serve para marcar o relacionamento com um tema nominal. Dessa forma, as línguas românicas variam entre tendências para marcar a vinculação de um advérbio com um tema nominal (sempre que o advérbio permita a flexão), por um lado, e, por outro lado, a perda dos vínculos da coesão nominal a favor de uma maior integração num sintagma adjetival ou adverbial, que implica o uso da forma neutra. No caso do português brasileiro, o fato fundamental é a redução, ou seja, o uso mais opcional, da concordância dentro do sintagma nominal.

Diante da redução paralela da morfologia verbal, poderíamos situar o processo na discussão sobre processos de crioulização que pudessem ter afetado historicamente a variedade brasileira, diferentemente do que se observa na europeia (Antonino, 2007; Lucchesi, 2008). Conforme acabamos de dizer, isso parece confirmar-se pela tendência a reduzir a concordância. O mesmo é menos certo no que diz respeito à opcionalidade do uso das marcas de flexão. Quem sabe se a língua falada no Brasil não é semelhante à do português europeu de outros tempos, ou mesmo semelhante à fala espontânea europeia de hoje?³⁶ As línguas europeias passaram por processos de escolarização e de formação de padrões linguísticos muito mais fortes. É possível que a opcionalidade da flexão tivesse sido uma característica genuína da fala oral espontânea que foi melhor conservada no Brasil. Não devemos esquecer que o padrão de escrita com as regras de concordância obrigatória é uma inovação diacrônica. A análise dos “problemas” de concordância como corrupção da língua vai contra a história. Pensa-se que as pessoas falaram bem (corretamente) em algum momento remoto da história, antes de acontecer um movimento de “decadência”. No entanto, nós todos precisamos da escola para aprender o padrão, e nunca aconteceu de outro jeito.

Desde o ponto de vista quantitativo, a concordância adverbial é um fenômeno marginal, com exceção de *todo* no singular. O predomínio do uso não concordado cria uma situação de *modelo positivo*. De fato, é importante insistir no papel do comportamento geral que pode servir de modelo, constituindo-se como polo de atração cujo magnetismo orienta a aprendizagem da língua. Além disso, a norma prescritiva atua de forma corretiva especialmente no período de escolarização. No *corpus*, a invariabilidade e a concordância parcial formam uma tendência geral que afeta até o sintagma nominal (*vejo muito aluno, os cara*). Tal tendência, que cria um problema de correção linguística no âmbito do sintagma nominal, fica a favor da correção no caso do uso adverbial de *bastante, meio e muito*, na medida em que favorece a invariabilidade. No entanto, não vemos tanto uma tendência à

36 Ver Brauer-Figueiredo (1999, p. 176-179) sobre o português europeu e Koch e Oesterreicher (2011, p. 82-84) sobre as línguas românicas em geral.

invariabilidade, mas antes uma prática de uso opcional das marcas de gênero e número. Conforme o demonstram os muitos fenômenos de concordância que discrepam do uso-padrão, a concordância espontânea, mais típica da fala oral, pode ter uma base mais implícita, como no seguinte exemplo:

90. *A escola a onde o meu primo estuda! é em Porto Alegre é um lugar muito bonita.* (Thiago, RG, escrito, 10 anos)

Embora não possamos excluir a ideia de que pode ter havido um simples descuido, o exemplo ilustra uma possível extensão da rede temática do substantivo *escola*, que é claramente nuclear desde o ponto de vista do discurso. É curioso que se trate de um exemplo escrito, mas se a transcrição foi correta, o tema dado pelo feminino *a escola* mantém a sua força como tema central até o final.

Seria interessante observar o desenvolvimento da concordância adverbial desde o uso oral pré-escolar até o fim da escolarização, sobretudo no caso de *meio* e *muito*. Por este motivo, indicamos às vezes a idade dos informantes. Pesquisas futuras poderiam examinar duas hipóteses. Excluindo a escrita, que é objeto de aprendizagem e de correção linguística na escola, podemos pensar que alunos de 10 ou 11 anos já possuem um uso oral que corresponde ao uso do seu meio. Poder-se-ia observar, então, o impacto da escolarização não só no que diz respeito aos alunos, mas também frente ao uso no meio em que estão vivendo. Por outro lado, desconhece-se geralmente que as crianças gostam de jogar com a língua. Em lugar de reduzir o uso da flexão, podem até exagerá-lo, brincando como com os diminutivos e aumentativos. Neste sentido, Van de Velde e Weerman (2014) caracterizam as crianças no processo de aprendizagem da língua holandesa como verdadeiras máquinas de flexão capazes de reativar os mecanismos disponíveis na língua, inclusive quando esta mostra tendências de perda diacrônica. É muito interessante, porque os historiadores da língua costumam fazer alusão a processos de “erosão” linguística para “explicar” o desenvolvimento de uma língua. A própria teoria da gramaticalização usa termos como

o da dessemantização (*bleaching*) para referir-se a perda de propriedades conceituais. Estamos tão habituados a tais explicações preconceituosas que já não analisamos bem. No caso da gramaticalização, é preciso ver que a perda de propriedades não costuma ser um processo passivo que afeta o falar, mas o correlato de um processo ativo de abstração. O falante *cria* um conceito mais abstrato para poder usar a mesma palavra com uma nova função gramatical. Não é correto assumir que o falante “esqueça” ou “perca” algumas propriedades. Quando *terrível* passa do sintagma nominal *um rapaz terrível* a uma função de intensificador adverbial em *terrivelmente grande*, temos que postular um processo ativo de abstração e refuncionalização, tanto na língua como nos falantes. Existe certa contradição entre o papel ativo dos falantes nos processos de mudança linguística, uma vez que se fala em “reanálise” e tópicos como a *erosão linguística* e a *dessemantização*. Pelo mesmo motivo, não podemos excluir um papel muito ativo justamente das crianças nos processos de flexão.

REFERÊNCIAS

- ANTONINO, Vivian. *A concordância nominal em predicativos de sujeito e em estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia*. Dissertação de Mestrado (Universidade Federal da Bahia), 2007.
- BARBOSA, Mariana Gonçalves. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro (UFRJ), 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.
- BRAUER-FIGUEIREDO, Maria de Fátima Viegas. *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt: TFM, 1999.
- CASTILHO, Célia Maria Moraes de. “Quantificadores indefinidos”. In: ILARI et al., p. 137-155, 2008.
- DAL, Georgette. Les adverbes de manière en – ment du français: dérivation ou flexion?. In: HATHOUT, Nabil; MONTERMINI, Fabio (Ed.). *Morphologie à Toulouse*. München: Lincom, 2007. p. 121-147.

Discurso & Gramática, corpus, <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br>.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1988.

FOLTRAN, Maria José Gnatta Dalcuche. "A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos". *Revista Letras* (Curitiba), 82: 157-176, 2010.

GIEGERICH, Heinz. The morphology of -ly and the categorial status of 'adverbs' in English. *English Language and Linguistics*, 16, 3: 341-359, 2012.

HASPELMATH, Martin. Word-class-changing inflection and morphological theory. In: BOOIJ, Geert; MARLE, Jaap van (Ed.). *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 43-66.

HENGEVELD, Kees. *Non-verbal predication. Theory, typology, diachrony*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1992.

HUMMEL, Martin. "Considerações sobre os tipos Ela fala esquisito e Ela chega cansada no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal". In: *Confluência* 24: 43-70, 2002.

_____. Attribution in Romance: Reconstructing the oral and written tradition. *Folia Linguistica Historica*, 34: 1-42, 2013.

_____. The adjective-adverb interface in Romance and English. In: SLEEMAN, Petra; VAN DE VELDE, Freek; PERRIDON, Harry (Ed.). *Adjectives in Germanic and Romance*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2014a. p. 35-71,

_____. Los adjetivos adverbiales. In: *Company, Concepción (dir.). Sintaxis histórica de la lengua española*. Tercera parte: Adverbios, preposiciones y conjunciones. Relaciones interoracionales, 3 vols., México: Universidad Nacional Autónoma de México-Fondo de Cultura Económica, p. 615-733.

_____. Los adverbios flexionados. In: GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen et al. (Ed.). *El discurso de la gramática*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 205-233.

_____. “Éléments d’une diachronie grammaticographique de l’adverbe français accompagnés de trois méthodes pour mesurer son effet sur le comportement linguistique”, *Actes du colloque “Histoire des langues et histoire des représentations linguistiques”*, Romanische Forschungen (no prelo).

HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa. *Portugüesische Grammatik*. 2. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1998.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Ed.). *Gramática do Português Falado*, vol. 1, 4. ed. Campinas: Unicamp / São Paulo: Fapesp, 2002. p. 63-142.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Gesprochene Sprache in der Romania*. 2. ed. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2011.

LEDGEWAY, Adam. Adverb agreement and split intransitivity: evidence from Southern Italy. *Archivio glottologico italiano*, 96: 31-66, 2011.

LIMA, Rafael Bezerra de. *Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro*. Tese de doutorado, Maceió (Universidade Federal de Alagoas), 2010.

LUCCHESI, Dante. “A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no contexto da história sociolinguística do Brasil. In: RONCARATI, Claudia; VOTRE, Sebastião (Ed.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 148-168.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. “Advérbio – conceito e tendências de ordenação”. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (Ed.). *Adverbiais*. Aspectos gramaticais e pressões discursivas. Niterói: Eduff, 2012. p. 13-96,

MEIER, Harri. “Adjectivo e advérbio”. In: _____. *Ensaios de filologia românica*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1948. p. 55-114.

NÓBREGA, Ivone Silva. *Usos do advérbio meio – modalização e flexão*. Dissertação de Mestrado, Niterói (UFF), 2007.

PINKSTER, Harm. *On Latin adverbs*. Amsterdam and London: North-Holland Publishing Company, 1972.

PIRES, Marcos Eroni; DUTRA, Marina Kolling. *Flutuação categorial de adjetivos para advérbios – uma pesquisa sociolinguística*. Disponível em: www.celsul.org.br/Encontros/07/dir1/19.pdf.

PITTTNER, Karin. Between inflection and derivation. Adverbial suffixes in English and German. In: PITTTNER, Karin; ELSNER, Daniela; BARTELD, Fabian (Ed.). *Adverbs. Functional and diachronic aspects*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2015. p. 133-156.

PLAG, Ingo (2003). *Word-formation in English*. Cambridge: CUP, 2015.

RICCA, Davide. La morfologia avverbiale tra flessione e derivazione. In: BERNINI, Giuliano; CUZZOLIN, Pierluigi; MOLINELLI, Piera (Ed.). *Ars linguística*. Roma: Bulzoni, 1998. p. 447-466.

SALAZAR GARCÍA, Ventura. Flexibilidad categorial y adverbios de manera en español: un enfoque funcional. In: BARROS GARCÍA, Pedro; ÁGUILA ESCOBAR, Gonzalo; TOMÁS MONTORO DEL ARCO, Esteban (Ed.). *Estudios lingüísticos, literarios e históricos*. Homenaje a Juan Martínez Marín. Granada: Universidad de Granada, 2007. p. 309-326.

SCHERRE, Marta. “Aspectos da concordância de número no português do Brasil”. *Revista Internacional da Língua Portuguesa* 12: 37-49, 1994.

SOUZA, Reginaldo Victor Rêgo. *Análise dos adjetivos adverbializados no português falado em Garanhuns/PE*. Trabalho de Licenciatura (Universidade Federal Rural de Pernambuco), 2014.

VAN DE VELDE, Freek; WEERMAN, Fred. “The resilient nature of adjectival inflection in Dutch”. In: SLEEMAN, Petra; VAN DE VELDE, Freek ; PERRIDON, Harry (Ed.). *Adjectives in Germanic and Romance*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2014. p. 113-145.